



## **Notícia e violência: a representação do jovem negro e indígena na capa de jornal<sup>1</sup>**

Karen Gabriela da Costa Rosa<sup>2</sup>  
Jaqueline Michele da Silva Braz<sup>3</sup>  
Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto<sup>4</sup>  
Suellen Alves de Souza<sup>5</sup>  
Benedito Dielcio Moreira<sup>6</sup>

**Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT**

**Resumo:** Este artigo analisa a relação existente entre o jovem e a violência nas primeiras páginas de um dos principais diários de Cuiabá, Mato Grosso, e a representatividade que a parcela negra e indígena dessa juventude possui nesse cenário. Utilizando como percursos metodológicos a semana composta e a análise morfológica, vemos que os jovens possuem pouca representatividade nesse meio de comunicação, e que, quando noticiados, sobretudo o jovem negro, estão intrinsecamente ligados à violência. Quanto ao jovem indígena, podemos constatar a sua completa ausência de apresentação nas edições avaliadas, o que põe em evidência a invisibilidade do indígena em um Estado onde encontramos a maior concentração de etnias do país.

**Palavras-chaves:** Jornalismo impresso; Primeira página; Jovem e a violência; Jovem negro e indígena;

---

<sup>1</sup> . Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduanda do segundo semestre de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: karen\_gabi@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do terceiro semestre de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: jaquelinebraz.5@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda do terceiro semestre de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: moniquefogliatto@gmail.com

<sup>5</sup> Graduanda do terceiro semestre de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: Suelen\_aia@gmail.com

<sup>6</sup> Orientador do trabalho e professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. Email: dielcio@hotmail.com



## **Introdução**

A juventude brasileira nos últimos 60 anos, sobretudo a escolarizada, sempre se envolveu nas grandes questões nacionais, principalmente ao levarmos em consideração a participação dos jovens em movimentos que reivindicavam direitos sociais fundamentais na sociedade contemporânea, tais como a luta pelo fim da Ditadura Militar, o movimento pelas “Diretas Já”, a cassação do ex-presidente Collor de Mello e, mais recentemente, as passeatas de 2014.

Esse artigo é fruto de discussões empreendidas no grupo de pesquisa “Comunicação, Infância e Juventude”, com foco na pesquisa nacional “Jovem e o consumo midiático”, conduzida em Mato Grosso por professores e estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Esta pesquisa tem por finalidade discutir o modo com que a juventude interage com as tecnologias da informação, provenientes das revoluções tecnológicas ocorridas no âmbito da comunicação. Dessa forma, surge uma vertente dessa linha de pesquisa, que procura entender a relação existente entre o jovem e o jornal impresso, neste estudo como ele é representado nas primeiras páginas dos jornais. Neste artigo dedicamos nossa atenção à relação existente entre a juventude e a violência e em como a parcela negra e indígena da população mato-grossense é mostrada nas primeiras páginas de um dos mais importantes jornais de Mato Grosso, o Diário de Cuiabá.

Por meio de estudos sobre “Juventudes” e “Primeira Página”, podemos compreender a importância desses conceitos no entendimento que a sociedade tem sobre o jovem, sobretudo dos jovens pertencentes a grupos sociais mais populares, ou até em situações de vulnerabilidade, como é o caso dos indígenas e dos jovens das periferias das grandes cidades. Para a pesquisa aqui desenvolvida, considerando a importância histórica do meio jornal, que resiste a diversas e intensas inovações tecnológicas, o modo como o jovem é noticiado nas primeiras páginas representa, segundo o nosso entendimento, como ele é visto e assimilado pela sociedade.

A questão posta diz respeito ao modo com que a juventude é abordada, sobretudo nas primeiras páginas dos jornais impressos, muitas vezes alvo de pré-julgamentos, ainda reflexos de uma visão formatada na ideia no desenvolvimento histórico de nossa sociedade. Assim, o nosso objetivo é compreender qual é a expressividade que o jovem negro e indígena possui nessa intrínseca relação entre juventude e violência, no que diz respeito às primeiras páginas dos jornais.



## **A Juventude Estudantil**

A juventude do século XXI, compreendida pelas gerações Y e Z, se reinventa, revoluciona e cria, cada vez mais e mais rapidamente, novas soluções, sobretudo no campo tecnológico. As ditas “geração Y” e “geração Z” são conceitos sociológicos que caracterizam pessoas que nasceram em determinadas décadas e, conseqüentemente, por isso, agem e pensam de maneiras diferentes.

A geração Y abrange os nascidos a partir da década de 80, e é formada por pessoas com pensamento ávido e que foram os precursores de criações tecnológicas. Além disso, é também conhecida por seu caráter questionador e revolucionário. A geração Z é marcada pelas pessoas que nasceram a partir da década de 90 e distingue-se pelo seu aspecto transmidiático, nativo tecnológico, com uma visão holística.

Segundo Dantas Junior (2008), a partir da Segunda Guerra Mundial as visões da sociedade e do jovem sobre si mudaram. A sociedade da imagem, espetacularização e consumo percebeu o potencial do jovem para o mercado. Em outra direção, os jovens também assumiram novas manifestações de ideais, cultura e política. Diversas inovações culturais, manifestações políticas e revoltas foram protagonizadas por jovens a partir deste período.

A União Nacional dos Estudantes -UNE, precursora do movimento estudantil no Brasil, no ano de 1963, adota um hino, de autoria de Vinicius de Moraes, e assume conjuntamente com outras entidades a articulação de importantes manifestações políticas. O hino adotado pelos estudantes indica o papel que a juventude estudantil assumiria nos anos vindouros, como mostra o trecho abaixo.

União Nacional dos Estudantes/Mocidade brasileira/Nosso hino é nossa  
bandeira/De pé a jovem guarda/A classe estudantil/Sempre na  
vanguarda/Trabalha pelo Brasil/A nossa mensagem de coragem/É que  
traz um canto de esperança/Num Brasil em paz.<sup>7</sup>

Dentre as mais significativas manifestações estudantis estão “A passeata dos Cem mil” e a “Diretas Já”, ocorridas no período da ditadura militar brasileira, que durou de 1964 a 1985, no qual vários jovens foram torturados e mortos devido ao seu caráter de oposição ao regime. Além

---

<sup>7</sup> Trecho retirado do site oficial da União Nacional dos Estudantes, <http://www.une.org.br/2011/08/hino-da-une/>



desses movimentos, a UNE também colaborou no Movimento “Caras-pintadas” realizado no ano de 1992, e que teve como objetivo o impeachment do presidente do Brasil da época, Fernando Collor de Melo.

Dantas Junior (2008, p.66) argumenta que os movimentos estudantis materializaram experiências de revoltas que subvertiam a lógica revolucionária comum, como temos de exemplo o Brasil, com movimentos políticos protagonizados por jovens. Ele ainda argumenta sobre a relação juventude, história e memória, e parte do princípio de que “a face da juventude como naturalmente rebelde foi uma tradição inventada, espetacularizada e enraizada na memória coletiva”, sendo que a manutenção desse conceito de jovem ocorre principalmente pela mídia de massa, alimentado através de imagens legadas pelo cinema, jornais e televisão. Por outro lado questionamos: como são mostradas as imagens dos jovens negros e indígenas?

Considerando o importante papel dos jovens na construção da democracia brasileira e e sua participação decisiva na revolução tecnológica, questiona-se como a mídia impressa tem veiculado a presença dos jovens no mundo contemporâneo, dado que as mídias de massa funcionam como expositores de visões que estão em pauta na sociedade. Tomando como exemplo o meio de comunicação de massa jornal, que é o foco deste artigo, vê-se através dele a qual é imagem costumeiramente atribuída à juventude.

### **A relação jovem e violência e o jovem negro e indígena**

Portador de significados advindos das diversas áreas do conhecimento, o termo violência remonta à formação das sociedades humanas, mais precisamente no momento em que começam a emergir metrópoles, definidas por Lefebvre (1999, p.85) como “a cidade que explodiu”, negando o conceito de que o espaço urbano seria regido por certa organização portadora de certa funcionalidade. Segundo Costa (2004, p.85), ao considerar o cenário citadino atual, o cidadão hoje convive em um espaço que predomina a “desordem e o caos”, do qual ocasionalmente surgiria a violência.

Para que possamos discutir essa relação conturbada do jovem e a violência, e mais precisamente o modo com que esta relação é retratada nas primeiras páginas dos jornais, é preciso estabelecer uma definição do termo violência. Segundo o ponto de vista comunicacional, haja vista que a cidade é composta por indivíduos ativos que interagem entre si e produzem significados diversos que podem ou não se tornar públicos, segundo Yves Michaud:



há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, acusando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, (...) moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (Apud HAYECK, 2009)

A partir desse ponto de vista podemos perceber que a violência está nas raízes da composição social humana, mas é frequentemente questionado pela população em geral, sendo alvo de constantes discussões. Um exemplo disso é o que socióloga Teresa Pires (2000) discute ao expor que existe um mecanismo social utilizado tanto pela população quanto pelas autoridades intitulado “fala do crime”, que consiste em conversas, discussões e comentários que repetem fragmentos da vida cotidiana que abordem o tema “violência” a fim de que se possam estabelecer conclusões coletivas acerca desse assunto.

Assim, é possível compreender a apropriação do tema feita pelos meios informacionais, que apenas são responsáveis por reproduzir assuntos frequentes dentre os meios sociais. Da mesma forma, existe uma visão de que os fenômenos informacionais fazem parte de um sistema que articula a lógica da vida social, ou seja, existe uma circularidade no que diz respeito à informação: o acontecimento violento parte da sociedade, se torna assunto dentre os meios sociais, é apropriado pelos meios de comunicação, cujos profissionais envolvidos, nesse caso os jornalistas, são os responsáveis pelo modo com que ocorre tal abordagem. Para discutir este fato, temos que, segundo Wolf (Apud NJAINE; MINAYO 2002, p.287):

O papel da mídia impressa se realiza em dois planos: um que procura narrar as notícias do dia, procurando cumprir sua função *informativa*; outro, no qual se configura e expressa um sistema de valores, associado ao lugar do jornal como sujeito da enunciação.

Em outro momento, Njaine e Minayo busca em Rabelo para destacar como é construído o discurso jornalístico: “aquilo de que se fala”, mas prevalecendo no plano do *discurso*, “de que modo se fala” e “por que se fala”. Os dois planos tornam o jornal socialmente reconhecido pelos leitores (NJAINE e MINAYO, 2002, p.287). Dessa forma, cabe ressaltar a inclusão da figura do jovem nesse processo de apropriação da violência pela mídia. Parcela da população brasileira, nutrida de visões majoritariamente negativas a seu próprio respeito, dado o seu histórico, sobretudo da juventude negra, é inserida nesse retrato da violência feita pelos jornais na medida em que são retratados ou como autores ou como vítimas de ações ligadas à violência.



O Negro e o jovem Indígena são temas de apropriação da mídia, muitas vezes pautados no senso comum, misturado a crenças e preconceitos. De forma muitas vezes imparcial, ambos acabam sendo atores passivos no interior do discurso jornalístico:

“O Jornalismo deseja ser referencial, como se de fato contasse a si mesmo, mas por trás de qualquer dizer há diversos sujeitos – o repórter, o editor, o dono do jornal – embora a imprensa tente apagar esse sujeito, numa estratégia discursiva que busca legitimar o discurso que prevalece como imparcial, objetivo, mas que subliminarmente é um reforço do senso comum dominante.” (FOSCACHES; SILVA 2008).

Os indígenas, por sua vez, além de terem que lidar com o a amnésia cultural por conta de sua extinção e/ou repressão, como pensa Marilena Chaui (1980), acabam por serem vistos como exóticos. Considerados meros personagens, suas realidades parecem ser histórias já narradas, onde não há espaço para outro final. Esse final é uma ideologia, bem descrita por Marilena Chaui (1980) que diz:

Ora, como a experiência vivida imediata e a alienação confirmam tais ideias, a ideologia simplesmente cristaliza em “verdades” a visão invertida do “real”. Com isso, grande parte da sociedade continua a desconhecer o “cimento” - como diz Chaui - estrutural das diversas desigualdades sempre existentes. (CHAUÍ, 1980, p. 34).

Considerando que os grupos indígenas também lutam por igualdade e representatividade, a busca por melhores condições de vida pode ser vista como espelho da violência, em todos os aspectos que os cercam, e nos mais variados contextos. Jovens negros e indígenas sofrem com a violência, que muitas vezes é omitida ou camuflada. Entretanto, quando as categorias jovens aqui mencionadas aparecem como responsáveis por algum tipo de violência, elas tendem a não só ser passíveis de hostilidade, mas também abertamente julgadas. Assim, os meios midiáticos acabam muitas vezes priorizando a violência causada por uma cadeia de acontecimentos, sem contextualizar a história, não proporcionando assim informações que possam contribuir para uma futura intervenção social.

### **A primeira página do jornal**

Historicamente, o surgimento de novas tecnologias e meios de comunicação sempre gerou discussões se isto anularia ou tornariam obsoletas as mídias antes existentes. O fato é que “o processo de comunicação compreende traços das culturas oral, escrita, impressa e eletrônica. Cada uma das quais com suas peculiaridades, sem que isso represente necessariamente exclusão”



(McMurdo, 1995). Ou seja, novas mídias que surgem podem guardar marcas da cultura comunicacional de outras que existiam anteriormente.

O jornal impresso passou por essa conjuntura, enfrenta às novas tecnologias, se moderniza e se mantém como um meio comunicacional de grande relevância. Pelo fato de ser assíncrono, ou seja, de não existir hora determinada para lê-lo, e sua estrutura física permitir que seja transportado e lido em qualquer lugar, o jornal impresso possui isto como privilégio, em comparação a outros meios e tecnologias, sendo um dos motivos principais por manter-se em alta. Além disso, o jornal mantém sua importância no cenário midiático, pois dispõe de um tempo maior para ser crítico em comparação a outras mídias, com características de instantaneidade, contando ainda com maior aprofundamento de informações e possibilidade da continuidade de debates.

A primeira página do jornal é de absoluta importância, pois além de apresentar o nome do jornal e as matérias em pauta em determinada edição, ela também exibe o design e diagramação, o que é determinante para se definir a intencionalidade de um jornal. A maneira como uma notícia é publicada, suas imagens, quantidade de texto da chamada, tamanho do título e diagramação em geral denota o valor que o jornal deseja que a notícia possua (Neves e Pedrosa, 2009). O título maior causa impacto, assim como uma imagem ocupando mais espaço é um ponto de atenção na capa do jornal. A imagem e a legenda são complementos. Uma auxilia a outra, mas primeiro nos detemos em compreender a fotografia. Por vezes, a imagem e a legenda se complementam, outras a legenda explica a imagem.

Para Neves e Pedrosa (2009), um grande contingente da população “lê somente as chamadas dos jornais, sobretudo, as da primeira página”. Por este motivo, as chamadas e matérias da primeira página funcionam como iscas para o leitor, para incitá-lo a fazer a leitura completa do jornal. Os editores e diagramadores buscam obter eficácia com as manchetes da capa do jornal, angariando mais leitores e público para o seu jornal. Ainda de acordo com as autoras acima citadas, as chamadas da primeira página correm o risco de ser sensacionalistas e dúbias e também possuem diferentes proporções dependendo do jornal. A primeira página de um jornal, muito além de expor os assuntos que serão desenvolvidos ao longo do jornal, funciona como um expositor dos assuntos que estão em pauta na sociedade em determinado momento e demonstra quais ideias que a mídia deseja que seja reforçada.



## **Procedimentos Metodológicos**

Fundado em um cenário de importante transformação política no cenário brasileiro, a Ditadura Militar, o jornal Diário de Cuiabá tem sua primeira edição datada de 24 de dezembro de 1964, sob idealização de João Alves de Oliveira, que viria a ser seu primeiro redator-chefe. Tendo como objetivo principal oferecer ao povo cuiabano, e conseqüentemente aos mato-grossenses, a tão esperada “voz” a que todos almejavam, a fim de alavancar o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso, até então sem representatividade no cenário nacional.

Para que se fundamente qualquer pesquisa faz-se necessária a escolha do percurso, a metodologia que se pretende utilizar a fim de se chegar a resultados satisfatórios. Levando em consideração o objeto de estudo, ou seja, o jovem na primeira página dos jornais, e tomando como amostra edições do jornal Diário de Cuiabá do ano de 2011, colocando em foco, especificamente, a relação entre jovem e a violência e a representação do negro e indígena nesse processo, optamos por adotar duas metodologias distintas: semana composta e estudo morfológico.

Morfologia, segundo o dicionário Aurélio (2008), significa estudo das formas que a matéria pode tomar. Seguindo essa referência, a análise morfológica empregada como metodologia desse artigo diz respeito ao estudo da forma de um jornal impresso. Para a realização dessa análise, segundo Torquato do Rego (1982), é preciso observar alguns conceitos, tais como os de título, texto e ilustração. Tais conceitos podem ser descritos como:

- **Título:** área correspondente às manchetes e principais títulos, subtítulos, intertítulos e antetítulos
- **Texto:** Compreende a área destinada às notícias, reportagens, editoriais, artigos, etc., incluindo categorias de informação, educação, propagandas e entretenimento
- **Ilustração:** Compreende o espaço destinado a fotografias, mapas, charges, gráficos e outros tipos de ilustração

De posse dessas informações, iniciamos a mensuração da amostragem construída, levando em consideração os aspectos acima descritos e documentando quaisquer considerações que tivemos ao longo desse processo. Dessa forma, foi feito um procedimento matemático que



consistia no produto entre a altura destinada ao título, texto ou ilustrações e a quantidade de colunas ocupadas pela referida medição (considerando a existência de seis). Assim, ao final, pudemos aferir o espaço ocupado por cada matéria.

Posterior a isso, foram separadas as notícias referentes aos jovens, e elaborados gráficos que serão demonstrados no decorrer desse artigo, a fim de que se pudesse ter a representação da juventude nas páginas do jornal Diário de Cuiabá.

No que diz respeito à análise das edições, escolhemos o método da semana composta, (RIFFE, AUST e LACY, 1993) que consiste no sorteio de datas estratificadas por dia da semana a fim de demonstrar a variação existente nas edições de acordo com o dia da semana, garantindo, assim, que todos os dias sejam representados, e, conseqüentemente, construir uma amostragem aleatória e mais próxima da realidade. Assim, foram montadas aleatoriamente duas semanas, uma para cada semestre de 2011. A escolha desse método se deve à sua confiabilidade, o que exclui a possibilidade de um resultado tendencioso, o que poderia ocorrer se a opção fosse por uma semana sequencial, por exemplo, cujo noticiário poderia estar centrado em fatos relevantes daquela semana.

### **Resultados e interpretações**

Como demonstrado nos procedimentos metodológicos, fizemos uma análise quantitativa das manchetes da primeira página do jornal Diário de Cuiabá do primeiro e segundo semestre do ano de 2011. Por meio da análise morfológica, verificamos as porcentagens de manchetes que abordam o jovem como tema. No primeiro semestre de 2011 verificamos nas primeiras páginas uma visão negativa. Ao todo, foram contabilizadas 75 matérias, dentre as quais somente quatro matérias trazem o jovem como notícia, o que corresponde a apenas 5,3% do total de matérias veiculadas nas primeiras páginas. Esses números mostram a pouca representatividade do jovem no jornal impresso. Todas as quatro matérias que abordam o jovem são de cunho negativo, relacionando-o de alguma maneira com a violência, seja atuando como criminoso ou sendo vítima de violência.

Gráfico 1: percentual de informações sobre jovens em relação à totalidade de informações publicadas nas primeiras páginas



Questiona-se o motivo dessa baixa relevância de veiculações de notícias associadas ao jovem e também o porquê do modo como ele é retratado, evidenciado sua face negativa. O jovem produz pouco material para ser divulgado ou não há interesse dos editores em que isso seja propagado? As chamadas dispostas na primeira página são colocadas para atrair a atenção do potencial leitor. Seriam as manchetes ligadas ao jovem não atraentes, já que há pouco aproveitamento editorial? As matérias negativas são mais atrativas, por isso tem maior espaço na capa do jornal?

A priori, podemos afirmar que a geração de material informativo por parte do jovem é ampla e diversificada, seja no que se refere a educação, com destaque para ganhos de olimpíadas de física ou matemática, seja no âmbito cultural, no qual os jovens coordenam ou são participantes de projetos que envolvam práticas de danças ou artes plásticas. Pode-se dizer que há interesse por parte dos editores em evidenciar essa faceta negativa do jovem, pois há na sociedade estereótipos pré-estabelecidos acerca do conceito de juventude? Segundo Njaine e Minayo (2002), “a mídia não cria preconceitos, julgamentos ou verdades, mas absorve o imaginário social”. Considerando esse fato, matérias que enaltecem aspectos positivos dessa parcela da população são recebidas com estranhamento por parte dos leitores. Da mesma forma, Neves e Pedrosa (2009, p.74) afirmam que a “informação deveria orientar e reorientar, (...) entretanto (...) apenas reforça ou nega, acrescenta ou reduz, o significado de determinadas questões já inseridas no contexto sociocultural.

Assistimos, assim, a uma quase naturalização do tema violência, quanto ao que se refere à relação intrínseca com a juventude. O fato é que essa questão não tem suas origens nesse ponto

específico, sendo apenas um modelo construído pelas demais parcelas sociais, com base em preceitos históricos. Para mostrar que essa visão é fortemente reforçada nas manchetes dos jornais impressos, é clara a associação, ainda que indireta, da juventude ligada à violência na manchete do dia 06 e 07 de fevereiro de 2011 do jornal Diário de Cuiabá que afirma: “Com pior qualidade de vida, VG já é mais violenta que Cuiabá”. À priori, não podemos estabelecer nenhuma relação com a figura do jovem, mas ao levarmos em consideração a foto que compõe a matéria, de tamanho considerável, em que são mostradas diversas crianças, a relação torna-se explícita. Essa ideia é exposta por Neves e Pedrosa (2009):

(...) em se tratando de um jornal, as fotografias apresentam-se como texto, como um “flash” de informação, às vezes, muito mais intrincado e revelador que o próprio texto. (...) Isso ocorre porque o valor informativo da fotografia varia de acordo com o assunto em pauta. O impacto e a mensagem trazidos por determinada imagem decorrem da natureza da informação. (2009, p.72)

Ilustração 01: manchete mostra relação entre violência e qualidade de vida



Analisando por esse viés, observa-se na sociedade pré-julgamentos baseados em estereótipos de raça, classe social e faixa etária, costumeiramente a faixa etária que engloba o jovem. Estes julgamentos comumente estão relacionados à uma visão negativa. A instituição pública responsável pela manutenção da segurança, a polícia, acolhe essa visão pessimista sobre a juventude o que acarreta em atos violentos e impulsivos em suas ações enquanto instituição. Como exemplo abaixo, a manchete “Rapaz morto era inocente, admite polícia” do dia 25 de maio de 2011:

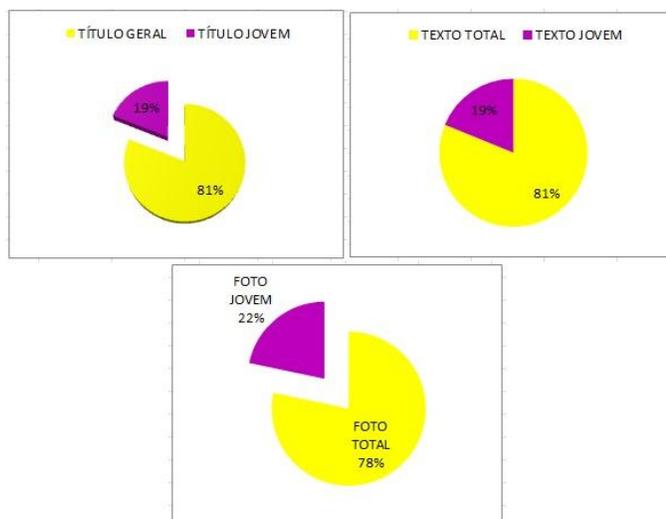


Ilustração 02: Polícia admite a inocência de jovem morto



Nas duas manchetes mostradas podemos observar o destaque dado ao título, à imagem e ao texto. A diagramação da segunda matéria citada quer dar ênfase ao título e à foto, destacando o erro policial. Da mesma maneira, a primeira matéria utiliza dos mesmos artifícios de valorização de foto e título. A seguir, apresentamos os gráficos dos cinco jornais do primeiro semestre e, posteriormente, os referentes ao segundo semestre, que mostram a porcentagem de títulos, textos e imagens apresentados nas capas dos jornais. Esses gráficos reiteram e sustentam a ideia apresentada de que as imagens e o maior tamanho do título são usados para ter atenção nas notícias de cunho negativo relacionado ao jovem.

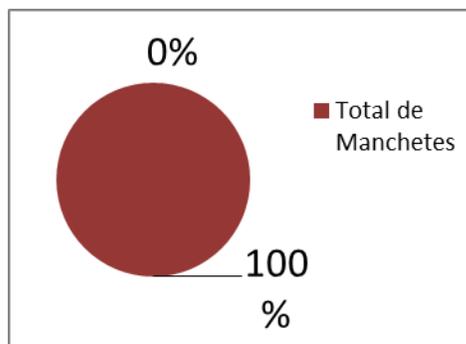
Gráfico02: Divisão de espaços nas primeiras páginas relativos ao primeiro semestre



Quanto à representatividade do Jovem Negro e Indígena nas capas do jornal, é nula. No segundo semestre de 2011 foram constadas na análise 54 matérias, dentre elas, nenhuma se referindo ao Jovem. Essa falta de representatividade aqui estudadas traz um sério questionamento que condiz com o silêncio: Se não há veiculações sobre negros e indígenas é porque eles não estão envolvidos em violência. A juventude, que já é alvo de uma visão pessimista no minguado espaço que lhe cedem na primeira capa, quando direcionada ao negro e ao indígena é em grande parte sub-representada.

A cidade de Várzea Grande, conforme a notícia analisada, deixa evidente que o negro mesmo tendo mais da metade da parcela da população (176.236 do total de 265.775 cidadãos segundo os dados do site do IBGE de 2010) quando representado ainda é atrelado a um personagem passivo de problemas sociais, deixando de fora sua notabilidade positiva. Essas juventudes que tendem a serem omitidas, criam uma antítese onde o silêncio grita às desigualdades ainda sofridas e as lutas jamais cessadas. Tal mudez das mídias sobre as desigualdades raciais segundo Silva & Rosemberg (apud SANTOS, 2011, p. 108) exercem um duplo papel: “negar os processos de discriminação racial, buscando ocultar a racialização das relações sociais, ao mesmo tempo em que propõe uma homogeneidade cultural ao brasileiro”.

Gráfico03: Representatividade do jovem nas primeiras páginas relativos ao segundo semestre



### **Considerações finais**

Sendo notícia definida pelo dicionário Silveira Bueno (2ª edição) como informação, conhecimento, comunicação, cabe a nós analisar a seleção das informações para a composição da primeira página dos jornais impressos. Ademais, é fundamental a compreensão do conceito de valor-notícia, conforme definido por Aguiar(2008): os valores-notícia são “qualidades dos acontecimentos ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos em um produto informativo”. Mas onde o jovem se encaixa nesse conceito?

O fato é que, ao analisarmos a representatividade do jovem nas primeiras páginas, esbarramos principalmente na questão: é sobre isso que o leitor desse meio quer se informar? Os Jornais impressos precisam olhar para a realidade social da juventude com imparcialidade, para nutrir e entusiasmar os jovens no campo da informação. Mas não é exatamente esse cenário o encontrado nessa pesquisa. Conforme os estudos apresentados, observa-se um resultado pessimista quanto à representatividade da juventude. Contando com pouco espaço na capa, o vácuo deixado pelo pequeno espaço destinado a essa parcela é preenchido com violência. Com os olhos voltados para os detalhes e não para o todo, as frestas sugerem um olhar mais apurado para o jovem, sobretudo o jovem negro e indígena, enquanto produtor de bens culturais e agente decisivo na construção deste país.

### **Referências bibliográficas**

- AGUIAR, L. A. de. **Entretenimento: valor-notícia fundamental**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Ano V – n.1. p.13-23, 2008.
- BARBOSA, R. G.; LANDA, B. dos S. **Povos Indígenas e a mídia escrita Sul-Mato-Grossense**. Anais do Encontro de Iniciação Científica – ENIC. Mato Grosso do Sul, n. 2. 2010.



BASTOS, H. **O que são Geração X, Geração Y e Geração Z?** Disponível em: <<http://henriquebastos.net/o-que-sao-geracao-x-geracao-y-e-geracao-z/>>. Acesso em 25 abr. 2015.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 2. ed. Editora Brasiliense. 1980.

COSTA, Y. M. P. (Re)significando uma cidade em fragmentos: o discurso da mídia sobre a violência urbana e o fenômeno da naturalização dos linchamentos na Ilha do Maranhão. **Caderno Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 1, n. 1, p.83-97 jan./jul. 2004

DANTAS JUNIOR, H. S. A juventude entre a história e a memória: A “rebeldia” como tradição inventada e espetacular. **Ponta de lança**, São Cristóvão v.1, n.2, p.63-81, abr/out. 2008.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Civilização brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1966. 341 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 20 de abril de 2015

LARENTIS, M. **Confiança midiática: Estudo em jornais do interior do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2008.

MINAYO, M. C. S.; NJAINE, K. Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 7 (2): 285-297, 2002.

NEVES, M. A. C.M.; PEDROSA S. M. P.A. Quem lê tanta notícia? – o jovem universitário e o jornal impresso. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 40, p. 68-76, dezembro 2009.

PORTARI, R. D. L. **A construção da morte e da violência na capa dos jornais Agora São Paulo e Folha de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2009.

REGO, Gaudêncio Torquato. **Jornalismo Empresarial: um estudo de caso**. Morfologia, categorias de informação, gêneros jornalísticos e conteúdo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982. Apostila.

RIFFI, Daniel; AUST, Charles F.; LACY, Stephen R. The Effectiveness of Random, consecutive day and Constructed week sampling in newspaper content analyses. In: *Journalism Quarterly* V. 70, n.1. Spring, 1993, p.133-139